

# CUSTO DE PRODUÇÃO E LUCRATIVIDADE DA CAFEICULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO BRASIL

Oliveira, D.H. Graduando em Agronomia/UFLA – diegoh\_agro@yahoo.com.br; Andrade, F.T. Mestrando em Administração - DAE/UFLA; Castro Junior, L.G. Prof. Dr. do Departamento de Administração e Economia - DAE/UFLA; \*Financiado pela CNA

O café caracteriza-se como um importante produto da balança comercial brasileira. Como em outras atividades agrícolas, a cafeicultura compreende um setor dotado de diferentes mecanismos e tecnologias de cultivo, gerando milhares de empregos diretos e indiretos. O agronegócio café do Brasil tem presença marcante no mercado mundial da commodity, porém, a atividade nos últimos anos vem sofrendo com a queda em sua rentabilidade.

A instabilidade de preços no mercado internacional, bem como o aumento nos preços de itens indispensáveis à produção, como mão de obra, insumos, maquinário, corroboram a necessidade em se aplicar metodologias que contribuam para o aumento da lucratividade do setor. A contabilidade e avaliação do custo de produção vêm, dessa forma, se confirmar como importantes instrumentos de gestão, podendo proporcionar ótimos resultados na administração de propriedades rurais. Nesse contexto, a avaliação do custo de produção da cafeicultura no Brasil nos permite auferir indicadores capazes de operacionalizar as variáveis de desempenho, demonstrando os componentes de custo que representam os pontos de gargalo da atividade, permitindo, desta forma, que a tomada de decisão apresente maior eficiência. O objetivo do trabalho é avaliar a composição do custo de produção da cafeicultura nas principais regiões produtoras do Brasil, que englobam os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná e Rondônia. Além disso, deseja-se verificar a lucratividade dessa atividade nas cidades estudadas.

A coleta de dados foi realizada nos municípios de Altinópolis - SP, Campo Belo - MG, Capelinha - MG, Itabela - BA, Iúna - ES, Jaguaré - ES, Luis Eduardo Magalhães - BA, Manhumirim - MG, Ouro Preto do Oeste - RO, Patrocínio - MG, Pirajú - SP, Ribeirão do Pinhal - PR, Santa Rita do Sapucaí - MG, Três Pontas - MG e Vila Valério - ES. Foi utilizada na obtenção de informações e na estruturação das propriedades a metodologia de painel, que essencialmente é uma reunião entre pesquisadores, técnicos e produtores rurais, onde os participantes, por consenso, caracterizam a unidade produtiva modal da região indicando os coeficientes técnicos relacionados aos componentes de custo e os vetores de preço que compõem o pacote tecnológico dessa unidade (Conab, 2010). Assim, estimaram-se os custos com operações agrícolas, materiais consumidos na condução da lavoura, insumos e com os gastos gerais, totalizando os Custos Operacionais Efetivos (COE). Além disso, obteve-se o Custo Operacional Total (COT), proposto por MATSUNAGA (1981), que é o resultado da soma entre o COE e as depreciações de benfeitorias, máquinas, implementos e lavoura. Posteriormente, foram calculadas as margens líquidas/saca de acordo com a produtividade da propriedade modal de cada município.

## Resultados e conclusões

Os resultados do estudo são apresentados nas Tabelas 1 e 2. É evidente a discrepância nos custos entre alguns municípios estudados, porém nas cidades de Itabela – BA, Jaguaré – ES, Ouro Preto do Oeste – RO e Vila Valério – ES o cultivo de café se restringe à espécie *Coffea canephora* Pierre, que devido a características intrínsecas possui menor custo de produção, porém seus preços de venda também são menores. Nos demais municípios a produção de *Coffea arabica* L. é predominante.

Observa-se na tabela 1 que a receita com comercialização não é suficiente para cobrir o COT na maioria dos municípios avaliados. Apenas as cidades de Altinópolis - SP e Luis Eduardo Magalhães - BA apresentaram margem líquida positiva.

Na Tabela 2 verifica-se que o grupo de custo Colheita e Pós colheita possui a maior participação no COT em dez dos quinze municípios estudados. Nesses dez municípios, a colheita é realizada manualmente, o que eleva o custo de colheita unitário, pois o rendimento é menor. É importante destacar que o custo deste tipo de colheita continuará indexado ao salário mínimo, que desde 1994, início do plano real, cresceu a uma taxa média de 13,6% ao ano.

Tabela 1 Custos Operacionais Efetivos e Totais (COE e COT) e lucratividade nas principais regiões produtoras do Brasil referenciados no mês de maio de 2010.

Município	COE	COT	Margem Bruta	Margem Líquida
			R\$/saca de 60 kg	
Altinópolis – SP	245	269	55	31
Campo Belo – MG	283	326	-8	-51
Capelinha – MG	313	345	-41	-73
Itabela – BA	173	196	-32	-54
Iúna – ES	262	311	-62	-111
Jaguaré – ES	130	157	20	-7
Luis Eduardo Magalhães – BA	176	255	82	3
Manhumirim – MG	316	347	-112	-144
Ouro Preto do Oeste – RO	236	258	-106	-128
Patrocínio – MG	242	282	37	-3
Piraju – SP	320	355	-80	-115
Ribeirão do Pinhão – PR	453	502	-211	-259
Santa Rita do Sapucaí – MG	322	365	-45	-88
Três Pontas – MG	308	342	-24	-58
Vila Valério – ES	136	155	11	-7

\*Valores de COE, COT, Margem Bruta e Margem Líquida sofreram arredondamento.

Tabela 2 Participação dos principais grupos de custos na composição do COT.

Município	Percentual dos grupos de custo que compõe o COT								
	Mão de obra	Mecanização	Corretivos	Fertilizantes	Defensivos	Manutenção	Gastos Gerais	Colheita e Pós colheita	Depreciações
Altinópolis – SP	8%	7%	0%	20%	5%	3%	6%	41%	9%
Campo Belo – MG	20%	7%	2%	24%	7%	4%	8%	15%	13%
Capelinha – MG	11%	0%	2%	16%	8%	1%	9%	42%	9%
Itabela – BA	14%	7%	2%	16%	4%	2%	13%	31%	9%
Iúna – ES*	0%	0%	2%	38%	5%	2%	33%	4%	11%
Jaguaré – ES	13%	5%	2%	22%	2%	3%	5%	30%	17%
Luis Eduardo Magalhães – BA	4%	5%	1%	20%	10%	4%	12%	13%	10%
Manhumirim – MG	26%	0%	1%	12%	5%	3%	10%	34%	9%
Ouro Preto do Oeste – RO	38%	0%	0%	0%	2%	5%	9%	37%	9%
Patrocínio – MG	4%	9%	1%	21%	9%	3%	12%	27%	14%
Piraju – SP	14%	6%	1%	13%	5%	3%	7%	41%	10%
Ribeirão do Pinhão – PR	36%	0%	2%	15%	4%	3%	6%	25%	10%
Santa Rita do Sapucaí – MG	12%	9%	1%	17%	2%	4%	9%	36%	12%
Três Pontas – MG	15%	6%	1%	14%	3%	3%	10%	39%	10%
Vila Valério – ES	15%	0%	1%	11%	3%	2%	9%	48%	12%

\* Nesse município os cafeicultores firmam um acordo com um parceiro, e dividem a produção final de modo que o proprietário fica com 60% da produção e o parceiro 40%. Desta forma, o parceiro fica responsável por todas as tarefas da condução da lavoura, bem como uma parte de colheita e pós-colheita, enquanto que o dono da fazenda arca com os demais gastos.

Os resultados confirmam a necessidade em se implantar mecanismos de gestão nos empreendimentos que compõe o setor primário do agronegócio, a fim de maximizar a eficiência e consequentemente aumentar a rentabilidade da atividade de modo que a cafeicultura consiga cobrir os custos de produção (COE e COT) e ainda remunerar o cafeicultor pelo investimento na produção; essas duas condições são essenciais para a manutenção da cafeicultura em médio e longo prazos.

Por fim, conclui-se que, no geral, a cafeicultura se defronta com um importante problema, o alto custo de produção. Apenas em duas localidades ela apresenta margem líquida positiva. Existem alternativas para contornar esse problema e realizar uma cafeicultura lucrativa e sustentável, mas todas devem ser orientadas por uma gestão de custo adequada.